

DEBATES SOCIAIS DA
ESPANHA NOS ANOS
50, A PARTIR DO
ENFOQUE NARRATIVO
EM *ÚLTIMAS TARDES*
CON TERESA (1966), DE
JUAN MARSÉ

**ROMEU DA SILVA
TEIXEIRA**

Mestrando em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Licenciado em Letras, com ênfase em línguas portuguesa e espanhola e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas, com ênfase em línguas portuguesa e espanhola pela Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal (Período Sanduíche). Foi bolsista de Iniciação Científica na área de Literatura Espanhola Contemporânea.

Juan Marsé nasceu em oito de janeiro de 1933, na cidade de Barcelona, Espanha. Escritor autodidata, define-se como um romancista catalão que escreve em castelhano. Pertence ao grupo de jovens escritores que, entre 1955 e 1970, procuraram a superação da narrativa espanhola do ponto de vista das técnicas vigentes em seu tempo e da visão crítica da realidade espanhola que eles próprios viveram; pois esses autores presenciaram a Guerra Civil Espanhola, sofreram as perdas de familiares e amigos e alguns foram exilados em outros países da Europa ou da América Latina. Marsé relaciona-se com autores como Martín Santos, Juan e Luis Goytisolo, García Hortelano, compartilhando as suas características narrativas. Em 1966, publica *Últimas tardes con Teresa*, seu primeiro grande romance que o faz ganhar o Prêmio Biblioteca Breve de Seix Barral. Suas obras, traduzidas para a maior parte de línguas do mundo, fizeram com que Barcelona ficasse conhecida até nos países mais distantes, pois a cidade é o cenário principal de suas obras.

Essa obra mostra a trajetória de Manolo Reyes, apelidado de “El Pijoaparte”, um dos personagens mais fortes e originais da literatura contemporânea. “Pijoaparte” era uma expressão muito utilizada na década de 50 em Barcelona para apelidar os migrantes murcianos moradores da periferia. Manolo – el Pijoaparte – é comparado a grandes personagens da literatura, conforme Arturo Pérez-Reverte (2003):

Ahora acabo de releer el libro – es la cuarta vez en treinta años que sigo la huella, página a página, de Manuel Reyes, alias el Pijoaparte – y confirmo lo que le dije a su autor: *Últimas tardes con Teresa* es una novela de aventuras. Eso no resulta extraordinario si consideramos que, desde Homero, la historia de la literatura se refiere, casi siempre, a la aventura del ser humano moviéndose por un territorio hostil, en pos de un deber, una pasión, una idea, un amor, una cita ineludible con el azar el Destino. Lo que ocurre es que, en el caso de Manolo el Pijoaparte, ese conflicto se traslada de los escenarios clásicos, el mar, la guerra, las praderas, la selva misteriosa, el desierto, a un paisaje inmediato, próximo, tan gris y falto de esperanza como la realidad del hombre atrapado por la tela de araña que él mismo teje: el equívoco, la ambigüedad, la ambición, el dinero como presunta dignidad, el sexo y su doble filo como salvación y como trampa. [...] Manolo Reyes, alias Pijoaparte, es uno de los personajes literarios mejor trazados en la literatura española de la segunda mitad del siglo XX. (PÉREZ-REVERTE, 2003 apud MARSÉ, 2005, p. 16)

As características do protagonista da obra fazem com que entendamos tal personagem como um anti-herói, pois a falta de moralidade, a ambiguidade, a ambição pelo dinheiro revela um personagem muito mais próximo à realidade. Marsé constrói o seu personagem moderno com traços muito clássicos, advindos da literatura picaresca. Manolo Reyes, tal como Lázaro de Tormes, tenta uma vida mais digna por meio de algumas mentiras e trapagens, burlando de seus coadjuvantes. El Pijoaparte finge ser um operário que milita clandestinamente para se envolver com uma burguesa militante em causas sociais antifranquistas. Assim como Lázaro em *Lazarillo de Tormes*, o autor espanhol contemporâneo utiliza um personagem pobre e marginalizado para criticar/denunciar as aparências das classes mais altas.

Por meio do um relato de uma história amorosa entre um jovem andaluz, ladrão de motos, representante da classe baixa, marginalizada (Pijoaparte), e uma jovem da alta sociedade, rica e filha da burguesia (Teresa), o narrador tenta relacionar dois mundos diferentes, utilizando diversas vozes com ironia e crítica ácida para debater a recuperação econômica da Catalunha pós-guerra civil espanhola, de acordo com a biografia de Juan Marsé, escrita por Josep Maria Cuenca (2015):

La tercera novela de Marsé aborda con determinación, entre otros asuntos, la conflictiva relación entre apariencia y realidad, las mil caras de la falsa conciencia humana, los numerosos y tiránicos condicionamientos derivados del origen social y económico de cada cual, la inconsistencia y fugacidad de las convicciones, la inaprensible lógica de las leyes que rigen las relaciones amorosas... Y aborda, también, una reflexión política profunda y necesaria que en su momento provocó indiferencia o irritación en mayor medida que la atenta acogida que sólo algunos dispensaron. En concreto, una reflexión relacionada con el carácter irreflexivo y autocomplaciente –bastante narcisista, de hecho- de algunos sectores de anti-franquismo, movimiento del que, por lo demás, Marsé formó parte. (CUENCA, 2015, p. 297)

Um dos pontos mais importantes do romance é o embate ideológico provocado pelos enunciados diferentes dos núcleos divergentes representando os dois protagonistas: O Carmelo, região próxima ao Parque Güell que nos anos 50 era habitada por migrantes sulistas que fugiram da fome e da falta de recursos causadas pela Guerra Civil, e San Gervasio, bairro nobre de Barcelona, onde famílias burguesas construam suas mansões. Conforme Valdemir Miotello, em *Bakhtin: Conceitos-Chave* (2005), a ideologia na perspectiva do Círculo Bakhtiniano é:

Dito isso, se poderia caracterizar ideologia, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens. Ao mesmo tempo, esse ponto de vista também manifesta sua compreensão diversa da exercida pela ideologia dominante. A superestrutura não existe a não ser em jogo e relação constante com a infraestrutura, defende Bakhtin, e essa relação é estabelecida e intermediada pelos signos e por sua capacidade de estar presente necessariamente em todas as relações sociais. E em cada uma delas os signos se revestem de sentidos próprios, produzidos a serviço dos interesses daquele grupo. Em sociedades que apresentam contradições de classe social, as ideologias respondem a interesses diversos e contrastantes. (MIOTELLO, 2005, p.171)

Ao longo da obra, podemos ver os debates sociais por meio das divergências de classes desses dois protagonistas. Manolo já não tem nenhuma perspectiva de vida dentro de seu próprio bairro e busca na vida de Teresa uma maneira de conseguir o que sempre desejou. Manolo finge ser um operário que luta contra o sistema totalitário da Ditadura Franquista, enquanto Teresa se interessa por ele. Anteriormente, pensamos que Teresa inocentemente é persuadida por Manolo, mas depois, observamos que ela se aproveita da situação para conhecer uma realidade que nunca teve contato, mas sempre a atraiu. Dessa maneira, poderá praticar todas as teorias debatidas no grupo revolucionário do qual fazia parte, e conseguirá maior prestígio entre o grupo. Esses embates ideológicos também estão presentes na crítica do narrador a respeito dos movimentos sociais antifranquistas dentro das universidades, ou seja, por mais revolucionários que os estudantes almejavam ser, suas criações e influências familiares não os fariam iguais aos grupos que defendiam, pois eles viveram a vida inteira nas partes mais altas da pirâmide social e não possuíam consciência de classe, ou seja, não sabiam identificar os seus privilégios. Por mais que tentassem, eram contraditórios em suas atitudes:

Crucificados entre o maravilhoso devir histórico e a abominável fábrica do pai, abnegados, indefesos e resignados, carregam sua culpa de filhinhos de papai como os cardeais sua dignidade, a pálpebra caída humildemente, irradiam um heroico *resistencialismo* familiar, uma amarga malquerença de pais abastados, um desprezo por cunhados e primos empreendedores e tias devotas enquanto, paradoxalmente, são envolvidos por um perfume salesiano de mimos de mãe rica e jejum com mingau: isto os faz sofrer muito, sobretudo quando bebem vinho tinto em companhia de certos coxos e corcundas do bairro chinês, sombras tavernárias

presumivelmente sacaneadas pelo Regime por causa de um passado republicano e progressista. (MARSÉ, 2015, p. 294)

Outra teoria difundida pelo Círculo de Bakhtin que podemos identificar dentro de *Últimas tardes con Teresa* é o cronotopo. Segundo Fiorin (2006), o conceito de cronotopo, formado pelas palavras gregas *crónos* (tempo) e *tópos* (espaço), foi criado por Bakhtin para estudar como as categorias de tempo e espaço estão representadas nos textos. Ainda de acordo com esse autor, os cronotopos são uma categoria contéudístico-formal e brotam de uma cosmovisão, determinando a imagem do homem na literatura, pois constituem uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, lugares que estão em interação mútua (FIORIN, 2006, p. 133).

Verificamos a utilização do cronotopo quando a cidade de Barcelona é demonstrada de maneira detalhada para que o leitor se sinta parte daquela história, como se fosse vizinho dos personagens e os visse caminhar pelas ruas da cidade. A descrição tão realista enfatiza ainda mais as diferenças sociais dos protagonistas:

Ao amanhecer, do cume do Monte Carmelo às vezes é possível ver surgir uma cidade desconhecida sob a névoa, distante, quase como sonhada: farrapos de neblina flutuam ainda sobre ela como a asquerosa poeira que nubla nossa vista quando despertamos dos sonhos, e só mais tarde, solenemente, como se no céu fosse afastada uma grande cortina, começa a crescer em algum lugar uma luz crua que de repente cai de viés, rebate no Mediterrâneo e vem diretamente à fralda da colina para estatelar-se contra os vidros das janelas e cintilar na lata dos barracos. (MARSÉ, 2015, p. 77)

Quase não há marcadores temporais, sabemos em quais períodos as ações se desenvolvem por meio das descrições dos bairros e pontos turísticos de Barcelona. O excerto mostra que apesar do sonho turístico de Barcelona, o amanhecer é muito cruel para as pessoas que moram no Monte Carmelo, pois o contraponto entre o mediterrâneo e a luz refletida nos barracos marca bem essa análise. A maioria dos capítulos do romance é iniciada com a descrição dos ambientes da cidade ou dos espaços fechados em que as cenas acontecem para que o leitor possa se sentir como os personagens estão se sentindo dentro daquele espaço. Isso demonstra ainda mais as diferenças sociais em Barcelona e acentua as diferenças de classe dos protagonistas, focando ainda mais no desejo de ascensão de Manolo Reyes, que ao entrar em contato com esse “novo” ambiente, almeja ainda mais fazer parte dele.

Talvez porque, como todos os anos, quando o verão chegava, captasse de uma maneira aguda a vasta neurose coletiva de felicidade, o áureo prestígio do dinheiro que se espalha pelas propriedades mais luxuosas da costa mediterrânea como um mel dourado, que flutua no meio da explosão do sol como um gérmen da verdadeira vida e que em algumas noites especialmente cálidas e sem fim se introduz no sangue como álcool [...]. (MARSÉ, 2015 p. 119)

Um ponto a mais a se observar dentro de *Últimas tardes con Teresa* é genialidade do narrador. Como sabemos, o narrador tem um papel fundamental dentro de um romance. É ele que determina o papel do leitor na composição literária. Enquanto ente ficcional é capaz de exercer um poder sobre a atuação do personagem. A sua visão dos personagens, suas opiniões e ironias determinarão as interpretações dos leitores e não pode ser confundido com o autor, conforme Reis e Lopes (1988, p. 61):

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, entidade não raro suscetível de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa. (REIS; LOPES, 1988, p. 61)

Mesmo divergindo autor de narrador, toda obra carrega traços inerentes aos seus respectivos autores, pois há uma mescla de opiniões, experiências vividas, referências culturais e políticas, com o mundo paralelo da narrativa:

Mesmo reconhecendo-se a sua especificidade ontológica, importa não esquecer que o narrador é, de fato, uma invenção do autor; responsável, de um ponto de vista genético, pelo narrador, o autor pode projetar sobre ele certas atitudes ideológicas, éticas, culturais, etc., que perfilha, o que não quer dizer que o faça de forma direta e linear, mas eventualmente cultivando estratégias ajustadas à representação artística dessas atitudes: ironia, aproximação parcial, construção de um alter ego etc. (REIS, LOPES, 1988, p.62)

Nesse romance, o narrador é onisciente, o relato está em terceira pessoa, com alguns monólogos interiores em primeira e em segunda pessoa. José Luis Bellón Aguilera, em *La mirada pijoapartesca (Lecturas de Marsé)* (2009) afirma: “Estilísticamente, Marsé emplea una rica gama de procedimientos que van desde las abundantes construcciones en estilo indirecto libre o en estilo directo libre, hasta el monólogo interior o la utilización de la segunda persona narrativa.” Há uma tentativa em dar uma variedade de perspectivas, tanto do autor quanto dos personagens, formando assim um romance polifônico:

O filósofo da linguagem, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), na década de vinte do último século, lançou a ideia de polifonia, empregando o conceito na análise da ficção dostoiévskiana e sugerindo que a mesma colocava em jogo uma multiplicidade de vozes ideologicamente distintas, as quais resistiam ao discurso autoral. Bakhtin estendeu o conceito a todo gênero romance, no qual, para o filósofo da linguagem, ora se orquestram, ora se digladiam linguagens sociais que se impõem ao autor do romance como expressão da diversidade social que este quer representar na sua escrita. Assim, para Bakhtin, a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos. (PIRES, TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 66)

Marsé utiliza em *Últimas tardes con Teresa*, edição espanhola de 2005, vários procedimentos durante a narrativa: construções em estilo indireto livre (p. 78, 91, 187, 188, 237, 282, 301, 302 e 326) ou em estilo direto livre (p. 83 e 85), e também o monólogo interior e a utilização da segunda pessoa narrativa (p. 44, 261, 268, 302 e 306). O autor tenta pluralizar as perspectivas, tanto do narrador quanto dos personagens, transformando a obra em algo muito mais complexo, de acordo com Bakhtin (2015):

A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características mas, tampouco, serve de intérprete da voz do autor. Ela possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial e com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis. (BAKHTIN, 2015, p. 5)

Marsé constrói a sua obra utilizando-se de várias vozes narrativas para que fiquemos mais cúmplices das angústias de Pijoaparte. O narrador utiliza esses aspectos para tentar “enganar” o leitor primário, que lendo de uma maneira menos crítica e superficial, acaba compartilhando da ideia de neutralidade do narrador, ou seja, o narrador tenta posicionar-se em terceiro plano dentro da narrativa, criando uma segunda voz para julgar ou premeditar o futuro do personagem, muitas vezes buscando transmitir o que o personagem pensa naquele momento ou explicando os pormenores das ações narradas, conforme o excerto:

De fato, à medida que foi crescendo, todos os fatos relacionados com o seu nascimento – ser filho de alguém que não podia se dar a conhecer por causa da sua condição social em Ronda, ter sido engendrado em uma época em que sua mãe praticamente vivia no palácio do marquês e, sobretudo, a circunstância, para ele ainda mais significativa, de ter nascido em uma cama do próprio palácio (na realidade, isso se deveu ao parto prematuro, quase sobre as mesmas lajotas que a bela viúva esfregava, e por isso tiveram de atendê-la no palácio) – foram se cristalizando de tal forma em sua mente que ainda criança criou sua própria e original concepção de si mesmo. (MARSÉ, 2015, p. 90).

O narrador promove várias vozes sociais diferentes em embate, sendo que nenhuma delas prevalece, ou seja, o narrador não opta por uma ou outra voz social, elas aparecem no discurso da mesma maneira.

Exemplifica-se, assim, uma nova posição do narrador naquela história, como também do autor, que muitas vezes aproveita a utilização do discurso polifônico dentro da obra para exprimir suas concepções políticas e sociológicas, como também para ironizar certos acontecimentos ou atitudes dos personagens. Contudo, quando um autor escreve um romance não deixa as suas ideologias de lado, por mais que queira transparecer aos seus leitores a imparcialidade ou a neutralidade, pois ser imparcial já demonstra formar parte de uma ideologia, conforme Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-Modernismo*:

O pós-modernismo sugere que a linguagem em que o realismo – ou qualquer outra forma de representação – opera não pode escapar a essa “contaminação” ideológica. Entretanto, ele também lembra, por seus próprios paradoxos, que a consciência em relação à ideologia é uma postura tão ideológica quanto a ausência dessa consciência, ausência mantida pelo senso comum. (HUTCHEON, 1991, p. 229)

A obra de Marsé explicita essa ideologia em seu contexto histórico bem delineado, um período muito confuso e de reconstrução de um país (Espanha) que ainda sofria a Ditadura Franquista e carregava todos os problemas resultantes de uma guerra civil muito recente, perdendo parte de sua identidade. E ao debater o papel dos próprios movimentos estudantis de esquerda, organizados por estudantes burgueses dentro das universidades, o autor critica a sua própria ideologia, pois grande parte dos estudantes participava desses movimentos superficialmente com o intuito de parecerem preocupados e sentirem-se parte de alguma mudança dentro dessa sociedade.

Conclui-se que o foco de boas obras pós-modernas é a ressignificação de certas ideologias muito debatidas dentro do realismo e do modernismo. Há uma busca por criticar aquilo que já formava parte do senso comum literário, fazendo com o que o leitor reflita sobre a própria realidade na qual acreditava. Os autores pós-modernos já possuem em sua biblioteca mental toda essa ideologia criada pelos clássicos da literatura mundial e, ao criarem novas obras baseando-se ou parodiando tais clássicos, demonstram que há uma discordância ou uma reflexão mais aprofundada daquilo que antigamente era visto como algo inovador, ocasionando uma visão mais ácida e crítica da sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, José Luis Bellón. *La mirada pijoapartesca (Lecturas de marsé)*. Ostrava: Cover & layout, 2009.
- BASANTA, Ángel. *La novela española de nuestra época*. Madrid: Anaya, 1990.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al.. 2. Ed., São Paulo: Ed. UNESP; HUCITEC, 1990.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*/ Beth Brait, (org.) – São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.
- CUENCA, Josep Maria. *Mientras llega la felicidad: Una biografía de Juan Marsé*. Barcelona: Anagrama, 2015.
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo. *La creación literaria en España: Primera Bienal de Crítica: 1966-1967*. Madrid: Aguilar, 1968.
- FIORIN, José L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

- GONZÁLEZ, Mario M. *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- GOYTISOLO, Juan. *El furgón de cola*. Barcelona: Seix Barral, 2001.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JEREZ-FARRÁN, Carlos. Ansiedad de influencia versus intertextualidad autoconciente en Tiempo de Silencio, de Luis Martín-Santos. *Symposium*, Washington, n. 42, p.119-132, 1988.
- MARSÉ, Juan. *Últimas tardes con Teresa*. Barcelona: Seix Barral, 2005.
- MARSÉ, Juan. *Últimas tardes con Teresa*. Tradução de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- PÉREZ-REVERTE, Arturo. Prólogo. In: MARSÉ, Juan. *Últimas tardes con Teresa*. Barcelona: Seix Barral, 2003.
- PIRES, Vera Lúcia e TAMANINI-ADAMES, Fátia A. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 66-76, nov. 2010.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana C. M. *Dicionário de teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- SANTOS, Luis A. B.; OLIVEIRA, Silvana P. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. Introdução à Teoria Literária. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANZ VILLANUEVA, Santos. *História de la novela social española (1942-1975)*, Vol. II. Madrid: Alhambra, 1980.
- VÁZQUEZ, José Luis G. *La novela de Juan Marsé : análisis de las tendencias y de las técnicas narrativas*, 2000. Tesis (Doctorado en Filología Hispánica) – Facultad de Filología, Universidad Nacional de Educación a Distancia, España.
- VILLANUEVA, Darío. *Revisión de la novela social*. Anuario de Estudios Filológicos, n. X, p.361-374. 1989.